



S. P. FRANCISCUS XAVERIUS SOCIETATIS

Handwritten Chinese calligraphy in black ink on a yellow background. The characters are arranged in a roughly horizontal line, reading from right to left. There are several red seals: one square seal on the far right and one circular seal on the far left.

A Misericórdia de Nagasáqui

LÚCIO ROCHA DE SOUSA*
E RUI COIMBRA GONÇALVES**

Vimos tambem ordenar
Ha misericordia sancta,
Cousa tanto de louuar
Que nõ sey quem nã sespanta
De mais cedo não se achar:
Socorre os encarcerados,
E conforta os justicados,
A pobres da de comer.
Muytos ajuda a suster,
Os mortos são soterrados

Garcia de Resende, *Miscelânea*



* Mestre em História Política e Social, investigador do Centro Português de Estudos Asiáticos (CEPESA), prepara doutoramento em Estudos Asiáticos na Universidade do Porto sobre os conversos japoneses ao catolicismo nos séculos XVI e XVII.

Master in Political and Social History, researcher of the Portuguese Centre of Studies on Southeast Asia (CEPESA), he is now completing his doctorate in Asian Studies at the University of Oporto (Portugal) on Japanese converts to Catholicism in the 16th and 17th centuries.

** Licenciado em Estudos Clássicos pela Universidade Clássica de Lisboa, possui diploma de especialização em Estudos Asiáticos pela Universidade do Porto, trabalhando num projecto de doutoramento sobre as relações entre Portugal e o Japão no período moderno.

With a degree in Classical Studies conferred by the Classical University of Lisbon, he also bears a diploma in Asian Studies from the University of Oporto (Portugal); he is currently working on a doctoral thesis on relations between Portugal and Japan during the modern period.

S. Francisco Xavier.
Artista japonês desconhecido,
posterior a 1623
(Museu Municipal de Kobe).

AS MISERICÓRDIAS NA ÁSIA

Sabemos que Nagasáqui atinge um papel de relevo na história das relações luso-japonesas no século XVI, quando o seu porto é escolhido como plataforma mercantil da grande Nau do Trato de Macau¹. Rapidamente a cidade portuária japonesa começa a atrair uma interessada frequência mercantil acompanhada também de uma crescente actividade de evangelização cristã, largamente dominada pelos religiosos da Companhia de Jesus². Ao lado dos escambos mercantis começam a surgir espaços, edifícios e equipamentos cristãos que, na década de oitenta do século XVI, passam também a incluir uma Misericórdia. Em termos mais rigorosos, data de 1566 a primeira referência a edifícios eclesíásticos na cidade. Uma solitária igreja e respectivo cura, cuja função consistia na evangelização e conversão do “outro”, coloram a primeira referência à cristandade de Nagasáqui:

“Porem como Gaspar era naturalmente bom homem e por tal amado dos christãos e gentios, teve logo avizo do dia em que o tono tinha assentado de o matar, pelo que secretamente se foi de noite da terra, embarcando-se com hum filho seo, por nome Diogo, e forão-se para Nangazaqui, por ser terra de christãos, aonde, à sombra do Padre e da igreja, poderia viver como dezejava.”³

Num capítulo posterior desta celebrada *Historia de Japam*, escrita por Luís Fróis, recenseia-se um padre de nome Gaspar Vilela, cuja trajectória o trouxera de Miaco a Nagasáqui e, nesta povoação, com consentimento do *tono* teria edificado uma igreja dedicada a Todos-os-Santos, no mesmo lugar onde estaria antes um pagode de traça japonesa:

“Rezidia tambem neste tempo o P.e Gaspar Vilela, depois que veio do Miaco, em Nangazaqui, que ainda era lugar inculto. Neste logar se agazalhou o Padre em um pagode, que era templo de ídolos, o qual o tono deo para se fazer delle igreja, mas por ainda não haver alli christão algum que nella pudesse deixar depois de feita, o dilatou o Padre por alguns dias [...] Depois desta gente baptizada desfez o Padre o pagode e alevantou alli huma igreja de Todos os Santos.”⁴

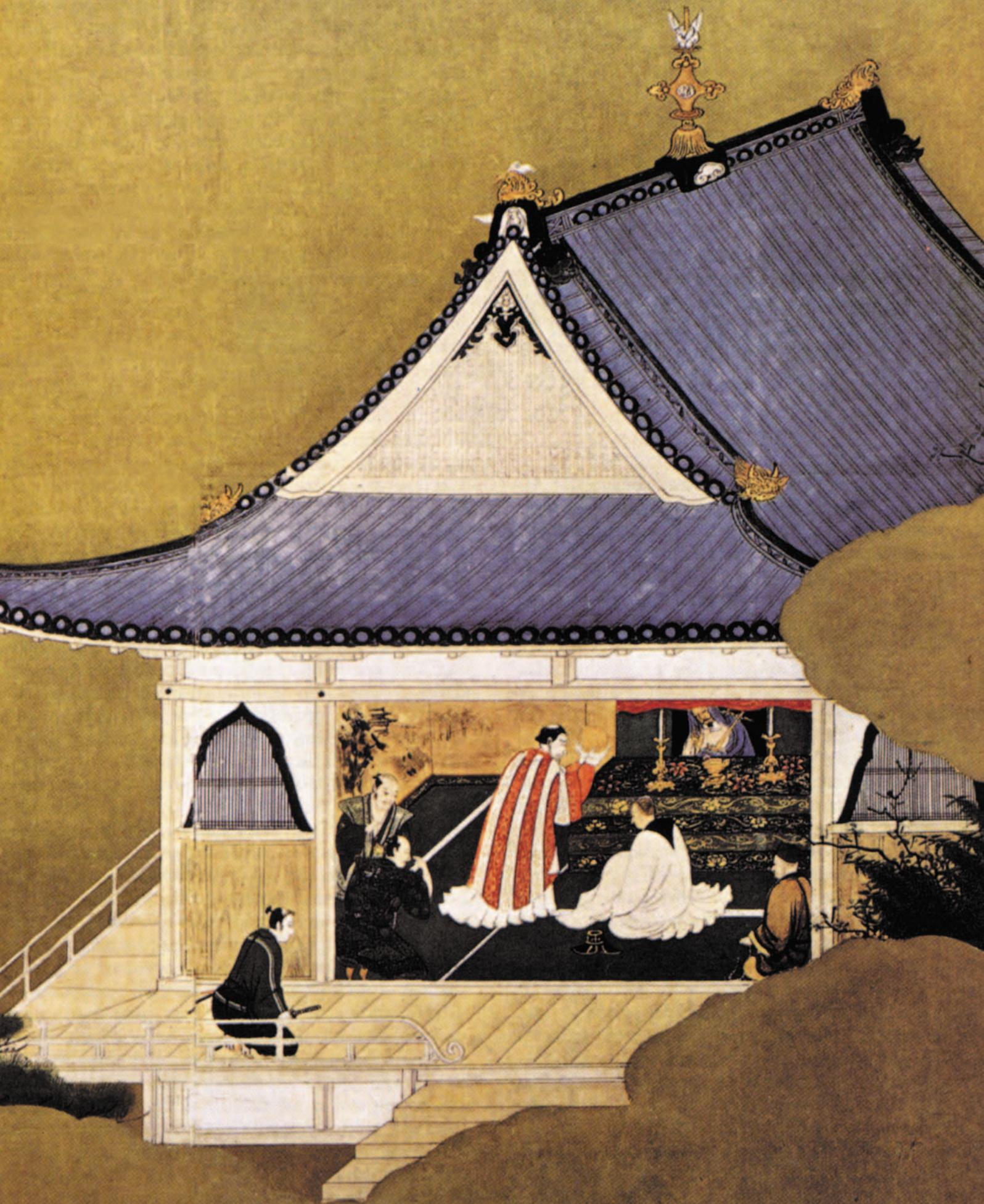
Apesar desta última referência da *Historia de Japam* ter sido identificada como reportando-se a data posterior (mais precisamente a 1569), analisando detalhadamente o seu conteúdo apercebemo-nos de que é anterior a 1566, o que nos leva a concluir que, volvidas apenas duas décadas da chegada dos primeiros

três portugueses à ilha de Tanegashima, já os missionários desbravavam aquela região procurando apoios entre os locais para o tema da conversão dos “gentios”.

Corria o ano de 1572 quando o capitão-mor, D. João de Almeida, à cabeça do seu *curofune* (Nau do Trato negra), trazia com ele dois padres portugueses da Índia, lançando âncora em Nagasáqui, o que demonstra as condições excepcionais deste lugar, como ancoradouro de embarcações de grande calado⁵. Segundo Luís Fróis, no ano a seguir, em 1573, o Padre Belchior de Figueiredo, a mando do jesuíta Cosme de Torres, juntamente com um piloto e alguns companheiros, selecciona definitivamente o porto de Nagasáqui, rejeitando o de Fucunda que sujeitava a Nau do Trato a diversos perigos⁶. Esta nova povoação, próxima da antiga Nagasáqui, adquire a mesma nomenclatura toponímica e passa a acolher, além dos cristãos portugueses, populações desterradas de diversas partes do Japão, umas porque os seus senhores os expulsavam por serem cristãos; outras por não quererem abjurar da fé católica, ou ainda refugiados de guerras e outros deslocados⁷. Acompanhando as notícias das missivas jesuítas e suas compilações, sabemos que estas populações (oriundas de Ximabara, Xiqui, Goto, Firando, Yamaguchi, Facata⁸ e de outros locais) lançam as primeiras bases humanas desta povoação recém-fundada, vindo a desempenhar um papel preponderante na execução das missões evangelizadoras, não só nos primórdios do Cristianismo no Japão, mas também nos anos subsequentes. São elas que compõem as hostes deficitárias de padres, que servem de ponte linguística e permitem a profunda compreensão da forma de pensar e agir da sociedade quinhentista e seiscentista japonesa. É através da sua capacidade defensiva que exércitos invasores são derrotados, é graças à sua capacidade empreendedora que o complexo da Misericórdia e hospitais é edificado, sendo ainda devido à sua predisposição para a “assimilação”, que alguns costumes europeus penetram no Japão.

É neste contexto de novas relações históricas que a cidade de Nagasáqui recebe a sua Santa Casa da Misericórdia, fundada, porém, relativamente tarde, em 1583, quase vinte anos depois da inauguração da

Igreja cristã (pormenor de biombo namban).



AS MISERICÓRDIAS NA ÁSIA

Misericórdia de Hirado⁹. A sua fundação – convirá realçar – deve-se a uma das figuras mais proeminentes do chamado, ainda que com algum exagero, *Século Cristão do Japão*: o Padre Alessandro Valignano¹⁰. Esta grande personalidade da Companhia de Jesus, visitador do Japão, chega a Nagasáqui no ano de 1579, na nau de Leonel de Brito¹¹, apercebendo-se quase de imediato da conjuntura instável e extremamente perigosa em que se movimentavam as actividades dos religiosos jesuítas:

“Começou o P.^e Visitador a entender logo de propozito no modo de viver dos nossos nestas partes e conheceo, como a experiência lhe mostrou, que estavam postos em huma continua peregrinação, cercados de perigos e dores da morte, porque, cada dia huma das rezidencias tem a seo cargo muitas igrejas e logares, era necessário andarem em continua peregrinação de hum lugar para outro visitando as igrejas e os christãos, o que não hé pouco de trabalho [...] E como Japão hé tão revoltoso e cheio de guerras, nunca as couzas permanecem nelle em hum estado, antes em brevissimo tempo se revolvem e, pelos nossos estarem metidos em meio de muitos inimigos e perseguições que lhe fazem os bonzos e os gentios, não deixão de se ver muitas vezes em vários e diversos perigos.”¹²

De 1579 a 1583, Alessandro Valignano efectua a sua primeira viagem de inspecção ao Japão, na qual procura verificar os progressos conseguidos pela Cristandade, assim como definir estratégias de conversão e alargamento da influência da Igreja Católica. É neste contexto que Valignano compreende a necessidade de adaptação dos padres jesuítas a alguns costumes e hábitos sócio-culturais japoneses:

“Entendeo mais o P.^e Visitador ver como era necessário em os nossos huma total transmutação da natureza quanto ao comer e costumes e modo de viver, por ser tudo oppozito e mui diferente de como se procede em Europa [...] E como Deos N. Senhor deo mui claro júzo ao P.^e Visitador e grande lume no entendimento para penetrar em breve toda esta revolução e variedade de couzas.”¹³

O primeiro obstáculo que o visitador procura contornar é o do código linguístico. É nesse sentido que, por todo o Japão, são envidados os primeiros esforços para uma aprendizagem profunda e sistematizada das estruturas de comunicação na sociedade japonesa por parte dos padres jesuítas:

“Emquanto o P.^e Visitador estava dando ordem às couzas do Ximo pela grande necessidade que havia

de os nossos de Europa fazerem bom progresso nas couzas da lingua de Japão, da qual depende como de immediato instrumento grande parte do fruto que se há-de fazer nas almas, ordenou que todos os sujeitos aptos que havia naquellas cazas de Bungo, se juntassem no Usuquí e alli tivessem cada dia suas lições de lingua e repartições.”¹⁴

Antes da sua partida, Valignano organiza a Companhia de Jesus no sentido da união e coesão entre todos os missionários, para que o projecto evangelizador não se perdesse em contradições e cisões internas¹⁵. É na sequência desta “visão” que são transmitidas instruções¹⁶ expressas para:

- A aprendizagem da língua japonesa¹⁷;
- A tradução dos textos religiosos japoneses mais importantes, o seu estudo e refutação¹⁸;
- A tradução dos textos cristãos e de grandes pensadores europeus¹⁹;
- A aquisição de conhecimentos profundos dos costumes e mentalidade dos japoneses²⁰.

Assim, pela primeira vez, de forma sistematizada, é efectuado um esforço concertado por parte dos missionários jesuítas, tendo como objectivo principal a adaptação e compreensão da hierarquia religiosa japonesa, utilizando estratificações sociais conhecidas²¹, de forma a poderem com maior facilidade converter os “gentios” japoneses à fé cristã²². Estas novas directrizes incluem também a manipulação e aproveitamento de determinados costumes sociais e culturais das populações japonesas com o objectivo de colmatar e reforçar as hostes deficitárias de sacerdotes, religiosos e seus servidores. Um exemplo flagrante desta mobilização encontra-se no entendimento do costume generalizado do aborto e do infanticídio, o qual é estrategicamente identificado pelos eclesiásticos europeus:

“Em Europa, posto que o haja, não é frequente o aborcio das crianças; em Japão é tão comum, que há mulher que aborta vinte vezes.”²³

Identificada exageradamente esta prática social recorrente na sociedade japonesa quinhentista e seiscentista, Valignano propõe o seu aproveitamento pelo recrutamento religioso católico da seguinte forma:

Representação setecentista do martírio de Nagasáqui de 1597, in Juan Francisco de San Antonio, *Crónicas de la Apostólica Provincia de San Gregorio*, Manila 1744.

THE HOLY HOUSES OF MERCY IN ASIA



AS MISERICÓRDIAS NA ÁSIA

*“Cuanto a lo tercero de recibir los niños que suelen matar las madres, parece que seria cosa muy buena, porque allende de salvar muchas almas y evitar muchos pecados tendria con el tiempo la Iglesia mucha gente de servicio, porque habria de ser en esta obligacion: que alo menos hasta los treinta años quedarian obligados a servir a la Iglesia.”*²⁴

Esta ideia estratégica materializa-se também na *Historia de Japam* de Luís Fróis, crónica em que o autor refere a utilização de crianças que, abandonadas à sua sorte, eram recolhidas pelos membros da Companhia para, depois de instruídas na pregação evangélica, se fixarem como instrumentos fundamentais de propagação da fé em território japonês²⁵.

É neste renovado contexto estratégico da movimentação religiosa católica que se devem inserir os investimentos feitos em Nagasáqui na criação de várias estruturas eclesiais e religiosas que encontrariam também na elevação de uma Misericórdia, um organismo confraternal empenhado, pela caridade e pela assistência, em atenuar as fricções sociais do Japão de então, concorrendo ainda através de um profundo conhecimento da mentalidade social nipónica para firmar socialmente o movimento de conversão ao catolicismo. Em termos cronológicos, a primeira referência clara à edificação de uma irmandade da Misericórdia com a sua igreja em Nagasáqui data de 1583, ano em que ficamos a saber da sua edificação graças ao investimento dos cristãos da cidade:

*“Fizerão os christãos de Nangasaqui à sua custa huma igreja da Misericórdia mui limpa e bem concertada.”*²⁶

Em termos fundacionais mais concretos, descobre-se igualmente informação sobre a acção importante de um cristão japonês da região de Sacay, de nome Justino, o qual desempenhará um papel fulcral na fundação da Igreja da Misericórdia, comprovando-se, assim, a importância dos investimentos dos conversos naturais japoneses encontrando na criação da irmandade um apoio significativo para o progresso da missão:

*“Este Justino e Justa (um casal original de Sacay) forão os que particularmente tomarão o assumpto de fazer a caza da Misericórdia, a qual ainda que foi ajudada de esmolos de outros christãos, elles forão os que nesta obra meterão maior cabedal assim de esmolos como de trabalho, e os persuadião aos outros entrassem no mesmo fervor e irmandade. Justino, [...] acabou de fazer a igreja da Misericórdia de Nangazaqui.”*²⁷

Além desta figura masculina de destaque, adita-se também informação sobre a sua esposa, de nome Justa, que haveria de coordenar a fundação de um hospital da Misericórdia dirigido para a assistência de mulheres idosas e pobres, uma especialização pouco comum, mas que sublinhava a adesão de sectores femininos às estratégias e particularidades do Cristianismo no Japão:

*“Esta mulher [esposa de Justino] [...] que fizessem todas huma maneira de hospital em que agazalhassem e sustentassem com suas esmolos as molheres velhas, enfermas e desamparadas que não tinham filhos nem filhas nem parentes que as soccorressem; e que o officio destas velhas fosse, já que não podião trabalhar, occuparem-se a rezar pelo estado da Igreja catholica e pela conversão de Japão e mais infidelidade do Universo.”*²⁸

Ao mesmo tempo, como ocorria noutras Misericórdias criadas nos enclaves de circulação portuguesa na Ásia, a irmandade de Nagasáqui organiza também um Hospital para leprosos, investimento assistencial aparentemente estranho para a sociedade civil japonesa, como demonstra o seguinte trecho:

*“... ordenarão fora da povoação caza para lázaros, da qual tem dous irmãos da Misericórdia cuidado. E sendo couza muito repugnante à natureza dos japões entenderem em semelhantes ministérios, pelo asco e fastio que tem universalmente aos tocados desta enfermidade, anda a caza tão limpa e os doentes tão bem providos das esmolos, que os irmãos cada semana lhe andão buscando, que os mesmos enfermos se espantão disto.”*²⁹

A Misericórdia de Nagasáqui e os seus equipamentos hospitalares, à semelhança de outras Misericórdias inauguradas noutros espaços japoneses, conseguiram gerar formas importantes de adesão social que devem ser estudadas não apenas a partir das funções piedosas, confraternais e assistencias das irmandades, mas convocando também a demorada familiaridade local com este tipo de organismos. Com efeito, desde o século XIII, no seio do próprio budismo japonês, tinham surgido inúmeras associações religiosas semelhantes, constituídas no sentido confraternal de prestarem assistência em géneros ou dinheiro aos

Padre Alessandro Valignano.

THE HOLY HOUSES OF MERCY IN ASIA



P. ALEXANDER VALIGNANVS SOC. IESV. GENERALIS INDIAE
EVANGELIZATOR, ALTER A XAVERIO ORIENTIS APOSTOLVS
OBIIIT MACAE XX IANVAR. MDCVI. ÆTAT. LXXI. RELIG. XI

ALESSANDRO VALIGNANO

AS MISERICÓRDIAS NA ÁSIA

grupos socialmente mais desfavorecidos. A existência desta espécie de “organizações humanitárias” (em que podemos, inclusive, surpreender as 14 Obras assimiladas às condutas das confrarias *jibi*³⁰ indígenas) oferecia um fundo cultural permeável à criação de condições para o aparecimento da sua contrapartida de inspiração cristã. Assim viria a acontecer também na movimentada cidade comercial de Nagasáqui, arrolando-se desde 1583 que a irmandade cristã local recebia esmolas e doações importantes que eram repartidas por pobres, viúvas, órfãos, enfermos e necessitados.

“E ordenarão seu provedor e irmãos da Misericórdia, e as esmolas que ajuntão, naquela caza, repartem com os pobres, viúvas e órfãos, enfermos e necessitados.”³¹

Estas funções sociais estribavam-se numa organização confraternal que, seguindo a ordem do *Compromisso* da Misericórdia de Macau³², concretizava as principais estruturas organizacionais e obras de misericórdia promovidas pelas Misericórdias também nos espaços asiáticos de circulação política, comercial e religiosa portuguesa. Assim, as notícias disponíveis esclarecem a existência na Misericórdia de Nagasáqui dos habituais pendões próprios, da obrigação dos irmãos usarem traje da irmandade ou da importância central das suas actividades de ritualização funerária católica, permitindo promover e acompanhar o enterro de confrades, pobres e indigentes:

“Fizerão ornamentos para a mesma igreja; tem seus comprimento [*sic*], sua bandeira, tumba e vestimentas para os irmãos acompanharem os defuntos e as procissões.”³³

No entanto, em continuação, a 24 de Julho de 1587, surge o primeiro edicto anti-cristão decretado por Toyotomi Hideyoshi. Já em Macau, o jesuíta Valignano toma conhecimento do plano do vice-provincial, Gaspar Coelho, visando resistir a esta perseguição através de confrontos armados³⁴. Reconhecendo o perigo de militarizar a presença religiosa católica no Japão, o visitador repreende o padre e, rejeitando claramente esse projecto, decide apresentar-se a Hideyoshi na qualidade de emissário do então vice-rei do *Estado da Índia*, D. Duarte de Menezes, de forma a poder concertar o acto de Gaspar Coelho e melhorar a precária situação da Companhia de Jesus no Japão. A missiva, de carácter meramente protocolar, organizada antes da promulgação do edicto

anti-cristão, é aproveitada por Valignano para pressionar Hideyoshi em relação à sua política doravante de animosidade anti-cristã. Este dignitário jesuíta chega a Nagasáqui a 21 de Julho de 1590, numa altura em que a Misericórdia desta cidade se encontrava em franco desenvolvimento. As missivas jesuíticas deste período indicam-nos mesmo que o edifício da igreja e irmandade da Misericórdia se encontrava num lugar amplo³⁵, mesmo no centro de Nagasáqui, e que nele já se instruíam 200 meninos, aprendizes da doutrina cristã:

“Seguião-se a estes duzentos meninos da doutrina [...] E posto que foi acompanhado da mesma maneira que ao dia dantes com a Mizericordia, meninos do seminário, Padres e Irmãos, e tudo o mais...”³⁶

Importa destacar que, no decorrer da centúria de Quinhentos, o clero europeu em trabalho religioso e pastoral no Japão raramente conseguiria ultrapassar a fasquia da meia centena de eclesiásticos, pelo que o processo de crescimento de espaços, instituições e conversões foi gerado também a partir de uma dinâmica única e própria da sociedade nipónica local em que as Misericórdias parece terem jogado papel de recrutamento e formação significativo. A existência no arquipélago japonês de um clero diocesano nativo vai ao encontro desta ideia basilar: a de que as comunidades cristãs japonesas desenvolveram características únicas através do cruzamento das abordagens inovadoras de Valignano no sentido da compreensão e “inculturação” com os comportamentos culturais locais, estratégia fundamental em território que não era subordinado a uma força militar europeia³⁷. Por conseguinte, podemos desde logo localizar três elementos fundamentais na configuração das missões católicas no Japão: (a) a composição do clero; (b) a assimilação de costumes locais; e (c) a adaptação aos mesmos de instituições cristãs, com especial destaque para essa instituição de origem urbana portuguesa que era a Santa Casa da Misericórdia. As principais bases para o processo de missões estavam definitivamente lançadas. No entanto, na sequência do edicto, antemão mencionado, emitido pelo “Senhor Universal do Japão”, expulsando todos os missionários do Arquipélago, a aparente segurança da presença religiosa cristã e das suas instituições sofreram um rude golpe que não deixava esquecer quão frágil era esta estabilidade.

Retomando o debate documental deste processo, quando a carta do vice-rei chega à corte do

THE HOLY HOUSES OF MERCY IN ASIA

Generalíssimo, através da embaixada encabeçada por Valignano, Hideyoshi dirigia um contexto político ofensivo. Os seus exacerbados planos expansionistas consistiam em invadir a Coreia e conquistar a China, exigir ao Governo das Filipinas, bem como ao reino de Tacasago, rendição e pagamento de tributo. Contrariamente ao que os missionários esperariam, a recepção à embaixada de Valignano feita por Quambacudono³⁸ decorre num ambiente extremamente amistoso, contrastando com vigência da proibição da missionação cristã no Japão. Apesar do relato excessivamente arranjado que, cordial e agradável, nos é oferecido pelas estratégias cronísticas de Luís Fróis, as fontes japonesas revelam-nos também elementos fundamentais para a compreensão deste encontro. Actualmente conservado na Biblioteca Central de Tenri, em Nara, encontra-se o rascunho do texto da carta de Hideyoshi ao vice-rei. Trata-se de um projecto epistolar dividido em três parágrafos: no primeiro, são efectuadas alusões à unificação do Japão e aos projectos de conquista da China; no segundo parágrafo descobre-se uma apologia ao Confucionismo, Budismo e Xintoísmo; e, no terceiro parágrafo, sublinha-se uma clara ameaça ao Cristianismo, assim como à permissão da vinda da nau do Trato:

“Vós concentráeis-vos na missionação cristã. Vós não conheceis a via da virtude pelo que não respeitais Camis nem Fotoques e não distinguis entre o senhor e o vassalo, desejando apenas destruir as justas leis e substituí-las por uma lei falsa. Compreendi a diferença entre o mal e o bem e não divulgueis as leis perversas nem as opiniões tolas a partir de agora. Aqueles padres cristãos, tendo chegado a nossas terras, têm o desejo de seduzir homens e mulheres tanto no mundo religioso como no mundo secular. Vendo isto, eu decidi castigá-los imediatamente; se regressarem outra vez a nossas terras e quiserem seduzir de modo feiticeiro o nosso povo, eu aniquilá-los-ei sem nenhuma remissão. Não vos arrependais do péssimo resultado. Se quiserdes estabelecer boas relações connosco, eu permitirei a livre vinda dos vossos mercadores, dado não haver perigo de ladrões no nosso mar. Tenho pensado nisto.

Já recebi os vossos presentes como o indicado na lista separada e indico-vos os meus na lista anexa. Quanto ao mais, remeto para o embaixador, e por isso não me alongo. Cordialmente.

Aos 25 dias da sétima lua dos 19 anos da era Tenxo. Quambacu.”³⁹

Nesta mesma altura ocorre um incidente comercial importante, pelo qual dois regedores de Hideyoshi procuraram em seu nome adquirir o monopólio, a baixo preço, da compra do ouro trazido pela Nau do Trato de Macau. A liberdade do trato, garantida pela carta-patente *xuinjo*, é comprometida, crescendo-se a recusa por parte das autoridades japonesas a que as negociações efectuadas entre portugueses e japoneses continuassem mediadas, como acontecia, pelos jesuítas. É nesta sensível conjuntura que Valignano toma uma arriscada decisão ao ameaçar o poder central nipónico com o encerramento definitivo deste comércio luso-japonês, caso a liberdade de trato, bem como a presença jesuíta, não fossem preservadas. Alarmado, Hideyoshi, muito dependente destes lucros para o financiamento da sua empresa militar, apercebe-se da importância da Companhia de Jesus para o bom funcionamento de relações comerciais que se tinham mostrado especialmente lucrativas. É neste contexto que altera o conteúdo da missiva ao vice-rei, cuja cópia, não ofensiva e bastante mais moderada, podemos encontrar no volume quinto da *Historia de Japam* de Luís Fróis⁴⁰.

No qualificado trabalho de Takase Kôichirô deparamo-nos com o excerto de uma carta de Valignano ao Padre Geral da Companhia de Jesus, informando que o *Generalíssimo* do Japão permitia que dez padres ficassem em Nagasáqui servindo como mediadores do comércio⁴¹. Um desenvolvimento que voltava a tolerar a circulação de padres da Companhia de Jesus, fazendo com que o edicto anti-cristão deixasse, na prática, de vigorar, apesar de não haver sido formalmente revogado. Na impossibilidade de se poderem cumprir dois pontos essenciais no Edicto, que consistiriam na expulsão dos jesuítas e na conservação do trato, a Igreja Católica local, assim como as suas instituições mais activas, incluindo a Misericórdia, conseguiriam preservar as suas actividades.

Apesar destes equilíbrios precários e complexos da década final do século XVI, a Misericórdia de Nagasáqui conseguia reunir, no início dos anos 90 de Quinhentos, 100 irmãos e garantir uma posição de grande proeminência nas principais saídas e comemorações religiosas processionais realizadas na cidade japonesa:

“No terceiro lugar hia a bandeira da santa Misericórdia de Nangazaqui e o provedor com cem irmãos com suas vestimentas pretas da irmandade, que grandemente ornavão e acompanhavão aquelle lugar.”⁴²

AS MISERICÓRDIAS NA ÁSIA

Testemunhando a implantação da Misericórdia de Nagasáqui entre as elites católicas locais, alguns anos volvidos, o número de irmãos aumenta para 120, impondo na paisagem e sociabilidade urbanas a figura poderosa do provedor, dos mesários e dos oficiais confraternais com seus trajes negros e respectivas varas. Ao mesmo tempo, aumentava a prosperidade económica da Misericórdia, atraindo testamentaria e legados pios, recebendo também a sua igreja e hospitais avultadas contribuições dos cidadãos de Nagasáqui:

“Entre as couzas dignas de contar que os christãos fazem naquella povoação, e de muito serviço de Deos N. Senhor, hé a irmandade da santa Mizericordia, que de alguns annos atraz se tem alli instituída, a exemplo dos portuguezes que em todas as partes procurão ter esta irmandade com grande gloria de Deos, proveito das almas e honra de sua nação. E com serem os japões universalmente pobres, hé tanta a devoção dos christãos daquelle lugar, que tomarão o Compromisso e Estatutos da Irmandade da Mizericordia de Macao, e conforme àquelle Estatuto assim regem e governão sua irmandade, fazendo seo provedor pelo dia da Vizitação com os mais officiaes, que vão cada semana com a vara na mão e vestimenta preta conforme ao que se faz entre os portuguezes. E são tantas as esmolos que lhe dão, que com ellas não somente fizerão sua igreja e caza da Mizericordia conforme a seo costume, mas também sustentão hospitaes, hum de velhos e outro de velhas pobres desamparadas e outro dos lázaros; e alem disso dão outras frequentes esmolos aos pobres envergonhados que as não podem pedir por fora. E são em numero como 120 irmãos, os quaes quando algum delles morre, o vão todos acompanhar com uma bandeira alevantada e sua tumba muito bem ornada, e elles com suas vestes pretas, que parece em Japão couza nobre e solemne.”⁴³

Em 1595, morre a mãe de Hideyoshi e as suas solenes exéquias propagam publicamente o teor da sua ideia de religião colocada ao serviço do Estado. Por esta altura, as principais crenças religiosas toleradas no arquipélago nipónico eram obrigadas a prover 100 sacerdotes para os serviços fúnebres mensais. Gaspar Coelho, numa atitude quiçá irreflectida, recusa-se obedecer a esta ordem, o que contribuirá para a animosidade crescente do poder central face à Companhia de Jesus⁴⁴. Começa a trilhar-se o caminho suficientemente conhecido que, em 1597, com o agravar das relações luso-nipónicas, conduzirá 26

mártires católicos à crucificação em Nagasáqui, regredindo o ambiente de aparente tolerância que os padres jesuítas haviam usufruído até então em terras do Sol Nascente. Este acto dramático representa também uma mudança de atitude na esfera política: a intolerância de Hideyoshi face à independência religiosa cristã. Com efeito, nos centros de decisão começava a ganhar força a ideia de que os convertidos estavam subordinados a um clero estrangeiro com muito poder social e político, constituindo uma inequívoca ameaça ao poder unificador japonês, já que os cristãos japoneses obedeciam a interesses que poderiam ser contrários a este movimento centralizador. Não nos esqueçamos que o âmbito de actuação dos missionários católicos não se limitava somente ao sistema religioso, espreado-se até por actividades comerciais e interferências sócio-políticas significativas. Em rigor, ressaltando algum simplismo, a actividade jesuíta servia clara e objectivamente os interesses dos comerciantes portugueses de Macau que, procurando entranhar-se no poder político, asseguravam ainda as principais formas de financiamento que, da circulação marítima à instalação local, sustentavam a movimentação religiosa.

Apesar destes desenvolvimentos políticos, entre 1598 a 1614 ocorre o período áureo das conversões ao catolicismo. As estatísticas cronísticas e documentais disponíveis, apesar de algum pendor apologético e de agitarem números que são fundamentalmente qualidades, apontam para 300 000 cristãos nativos conversos⁴⁵. A Misericórdia de Nagasáqui beneficia deste movimento, continuando a prosperar, em parte através das esmolos e investimentos no muito rentável comércio da rota Macau-Nagasáqui:

“Há mais, casa de misericórdia e hospital com suas igrejas, que cada uma é freguesia, e estão à conta dos padres; as quais casas, pelas obras de misericórdia espirituais e corporais, que em cada uma delas se fazem, são como uma caçoula odorífera que a todo o Japão consolam e admiram com o suave cheiro, que de si lançam e espalham por todo ele; e, como a cidade é toda de cristãos, e nas coisas da religião e culto divino se governa pelo Bispo de Japão, que ali reside, e pelos padres, celebram-se as festas e solenidades da Igreja nela com tanta perfeição, aparato e devoção interior e exterior, e resplandece por isto tanto nela o lustre da Religião Cristã, com tanta glória de Deus e reputação de nossa Santa Fé, que é uma das mais eficazes

THE HOLY HOUSES OF MERCY IN ASIA

pregações dela, que há em Japão; e, como a esta cidade, em razão do trato da nau dos portugueses, e doutros navios, que a ela vêm, concorre tanta gente de diversas partes de Japão, ficam tão maravilhados, quando nela com seus olhos vêem a vida dos padres e procedimento dos cristãos, o aparato e solenidade do culto divino, a nova doutrina de nossa Santa Fé, que nela se prega, que muitos deles se convertem logo, e outros, quando menos, se tornam pregoando, por onde quer que vão e em suas terras, as boas novas do Sagrado Evangelho, que nesta ouviram.”⁴⁶

No entanto, em 1614, com a expulsão definitiva dos cristãos do Japão⁴⁷, os conversos, já avisados e preparados pelos dois edictos anteriores, entram na clandestinidade. Alguns deles conservarão as suas crenças, não isentas de contaminações budistas, xintoístas e confucionistas, durante mais de 250 anos⁴⁸. Paralelamente, os edifícios religiosos são arrasados e a Misericórdia de Nagasáqui, apesar de significativamente poupada, é fechada. Apenas dois

padres e um irmão nela permanecem. A Santa Casa transformava-se agora em armazém para depósito das “ruínas” e alfaias do recheio das igrejas católicas circundantes:

“Muito lamentavelmente, estas nove igrejas, os seus campanários e torres foram deitadas abaixo, incendiadas e reduzidas a cinzas, excepto a Casa da Misericórdia. Contudo, mesmo a Misericórdia foi mandada encerrar pelo magistrado e o seu interior ficou repleto de tapeçarias, portas deslizantes e outros artigos provenientes das outras igrejas.”⁴⁹

Apesar das interdições e do seu encerramento público, a Misericórdia de Nagasáqui continuava a funcionar. Além dos seus membros – financiados pelas colectas efectuadas nos bairros da cidade – que porfiavam em assistir aos pobres e desfavorecidos, os padres confessavam enfermos e assistiam aos condenados à morte, acompanhando-os ao lugar da execução. Uma carta enviada pelo bispo, D. Luís Cerqueira ao rei, datada de 1612 (na antecâmara do

Mártires do Japão. Óleo sobre tela de artista desconhecido, 1640 (Seminário de S. José, Macau).



AS MISERICÓRDIAS NA ÁSIA

edicto da perseguição histórica, como tal), dava conta ainda da perspectiva de edificação, a breve trecho, de uma nova e mais acomodada igreja da confraria da Misericórdia local⁵⁰.

Apesar da situação particular da Misericórdia de Nagasáqui, a expulsão dos missionários multiplicou a fuga e clandestinidade de muitos resistentes católicos, infringindo as leis vigentes de interdição. Atentemos na seguinte confissão de um cristão japonês de Nagasáqui:

“Por andarem a monte os reverendos padres, não temos conjuntura nem oportunidade para ouvir a sagrada missa aos domingos e feriados. Por duas ou três vezes, devido ao meu descuido, não a ouvi, apesar de me ser possível fazê-lo. Numa outra vez, soube onde se encontrava o padre e dirigi-me para lá, mas distraí-me a meio do caminho com coisa de pouca monta, pelo que, chegando ao destino, já a missa tinha começado, tendo faltado a um quarto dela.”⁵¹

Em rigor, ressaltando algum simplismo, a actividade jesuíta servia clara e objectivamente os interesses dos comerciantes portugueses de Macau que, procurando entranhar-se no poder político, asseguravam ainda as principais formas de financiamento que, da circulação marítima à instalação local, sustentavam a movimentação religiosa.

Estas modalidades de circulação dos católicos e de organização das suas actividades litúrgicas parecem indicar que, numa primeira fase, as perseguições político-religiosas ainda não tinham atingido o seu auge, permitindo várias estratégias de produção religiosa e mesmo penitencial:

“A isto acudiu o padre em tempo, que o senhor da terra estava ausente, e descobriu os enganos e fingimentos do embaidor [*sic*], com o que alguns que foram enganados, ainda que poucos, caindo no erro que tinham feito, arrependidos fizeram penitência.”⁵²

Face à ineficácia da expulsão, as autoridades centrais, através do *bakufu* (o aparelho governamental de Tokugawa), passam seguidamente a desenvolver métodos mais eficientes para capturar estes dissidentes. Em 1615, o *bakufu* emite 44 directivas aos principais templos no sentido de os colocar na estreita subordinação do Estado. O *fumié*⁵³, o *terauke seido*⁵⁴, o *terauke-jo*⁵⁵, os *zaitaku kyunin*⁵⁶, os *gonin-gumi*⁵⁷ e o *sogo-kanchi*⁵⁸, completam este sistema de repressão. Detenhamo-nos em mais um relato inédito de um cristão de Nagasáqui testemunhando o aprofundamento da repressão e controlo estatais:

“Teve lugar três vezes o que tenho confessado. Quanto à primeira vez, por me mandar o *Bughio* que fizesse o juramento pelos nomes de Cami e Fotoque de não agasalhar os reverendos padres e de nunca mais me encontrar com eles, obedeci ao seu mandamento só de forma a ludibriá-lo, pensando para mim que o juramento tanto por Cami como por Fotoque não constituiria para mim uma ‘bagagem pesada’ – tarefa difícil –, e que o juramento pelos seus nomes, por não ser uma matéria verdadeira, não teria grande importância, tendo-o levado a efeito. Quanto à segunda vez, fiz por certo o dito juramento pelo nome do *fon no Deus*, isto é, o Deus autêntico e verdadeiro, pois julguei que o acto de agasalhar os padres e de lhes pedir para que se servissem de mim era apenas aconselhável e não fundamental, e que não violaria a lei eclesiástica, essa sim, a cumprir obrigatoriamente, e que o dito juramento que apenas fiz de forma a salvar a própria vida, não me pesaria na consciência nem me remoeria de modo profundo. Quanto à terceira vez, fui forçado a assinar a dita carta probatória de acordo com o ‘mandado’ do *Votona* que estava em lugar do *Bughio*, carta essa que era só de aparência e não substancial, pois escrevi aí só coisas de pouco resguardo e cautela, fazendo promessas vãs. Apesar de tudo isso, como já confessei, é verdade ter levado a efeito o dito juramento todas as três vezes e ter afirmado convictamente, dizendo a outros que não cometeríamos pecado assim tão grave se o fizéssemos. Até agora, tenho procedido desta forma, mas não deixarei de fazer como o reverendo padre quiser e mandar.”⁵⁹

THE HOLY HOUSES OF MERCY IN ASIA

Tendo conseguido controlar as acções e movimentações religiosas mais importantes dos cristãos japoneses, as autoridades do *bakufu* nunca conseguiriam, porém, fiscalizar completamente as crenças com a sua inscrição em sociabilidades grupais e solidariedades familiares. Daí a sobrevivência dos *kakure kirishitan*, ou seja, dos “cristãos secretos”⁶⁰. É devido aos seus complicados esforços que nomes tão famosos como Cristóvão Ferreira ou Sebastião Vieira conseguem, por algum tempo, sobreviver no Japão sem serem encontrados pelas autoridades. São estes padres que, ocultos nas sombras da clandestinidade, organizam uma resistência cristã que não deixa de assegurar conversões importantes. Voltando a acompanhar alguns testemunhos que qualificam esta difícil cristianização, de 1614 a 1626 podem ter sido baptizados 17 000 adultos⁶¹, o que comprovava a vitalidade social e cultural da religião perseguida. Apoiando estas actividades católicas, de 1615 a 1621, o número de sacerdotes estrangeiros no Japão aumentava para 26. A Misericórdia de Nagasáqui continuava também a resistir e a manter actividades caritativas, mas a sua situação torna-se progressivamente mais complicada, como se consegue perceber através de uma petição quase dramática da irmandade procurando alcançar a protecção do rei de Portugal, protector das Misericórdias⁶²:

“Senhor.

É próprio dos Reis fazerem mercê não sómente dos seus vassallos, mas também a todos aqueles que tem necessidade do seu Real favor.

E porque os Reis de Portugal tem de baixo da sua protecção todas as Casas da St.^a Misericórdia, que estão em Seus Reinos e Senhorios, nós também, posto que sujeitos a Lei gentio em tudo, por termos aqui, na cidade de Nangasaqui, porto de Jappaõ, uma Casa e Irmandade da Santa Casa da Misericórdia que professa, imitar as que estão nos Reinos de Portugal, em todas as obras de Misericórdia e guarda do compromisso, que a Misericórdia da Cidade de Macau nos mandou, muitos annos ha, pedimos humildemente e com as cabeças postas no chaõ, a V. M. queira tomar sob a sua Real Protecção esta nossa Casa e Irmandade da Misericórdia, em a qual também entram portugueses naturaes de Nangasaqui.

E receberam mercê. Feita em a cid.^e de Nangasaqui, em Mesa aos 14 de março de 1613.”

Em 1616, com data de 22 de Fevereiro, uma carta régia procura atender ao pedido urgente da Misericórdia



S. Francisco Xavier curando um doente no Japão. André Reinoso, século XVII (Igreja de S. Roque / Santa Casa da Misericórdia de Lisboa). In *Oceanos* 35, Lisboa, Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 1998.

de Nagasáqui, tentando fazer chegar à irmandade a declaração da protecção e patrocínio régios:

“Em nome dos Irm. da Misericórdia de Nangasaqui se me apresentou a petição que vai com esta carta sobre a pretensão que tem de que eu tome debaixo da minha protecção aquella Irmandade, e porque é justo que se lhes faça este favor, vos encomendo que ordeneis se passe, pelo Desembargo do Paço, a Provisão que pedem, por vias, e me venha a assignar, pera que a levem as naos que agora hão de partir. – Cristóvão Soares.”⁶³

A Misericórdia sobrevive graças, em grande parte, aos donativos de um sistema clandestino que a financiava. Certas *Cartas ânuas*, remetidas do Japão por jesuítas anónimos ao seu Geral (e dadas ao prelo

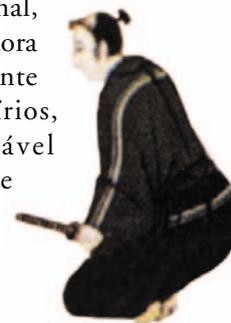
AS MISERICÓRDIAS NA ÁSIA

em tradução italiana), vão mesmo ao ponto de reiterar o facto consumado da Igreja da Irmandade⁶⁴ funcionar como bastião da resistência cristã contra a perseguição generalizada movida pelo *daijū* à própria população conversa⁶⁵. Urgindo estes em encontrar guarida, na irmandade jogam o desespero da sua integridade física e acham paliativo para a indigência material de que padecem. Até o provedor se vê na contingência de pedir protecção à cidade vizinha de Safoie⁶⁶. Essa conjuntura de penúria provoca a debandada geral em Nagasáqui, a outrora empreendedora cidade do empório comercial português no Japão, que se estende a todos os estamentos sociais, incluindo o dos mercadores⁶⁷. Alguns sacerdotes, no meio da tribulação persecutória, preferiam dar a vida por Cristo⁶⁸ a sofrer na vã expectativa da sobrevivência no resguardo incerto das habitações, sujeitos a pactos mais que fraudulentos de outros cristãos. Sabemos que esta situação durou até 1633, ano em que, segundo o Padre G. B. Bonelli, a Igreja da Misericórdia e sete hospitais são definitivamente fechados. O provedor, de nome Miguel, que dirigia a irmandade é também martirizado a 28 de Julho de 1633. A partir deste momento, não se reconhece a eleição de mais nenhum provedor, o que nos leva a concluir que, pelo menos em termos formais e funcionais, a organização confraternal se desagregou⁶⁹.

Apesar da radical interdição religiosa, sobravam os comerciantes portugueses que efectuavam o trato desde 1550, continuando a dar cobertura a missionários e a investimentos religiosos⁷⁰. As autoridades centrais, descontentes, utilizam em seguida a revolta de Ximabara⁷¹ (1637-1638), na qual 37 000 revoltosos são massacrados, como confirmação e justificação para a expulsão definitiva também dos portugueses laicos que circulavam em espaços japoneses. Ximabara encerra um século de relações sociais, económicas, políticas e religiosas que, encetadas pela acção decidida de S. Francisco Xavier, rapidamente se esbatem. As relações de reciprocidade entabuladas entre os mercadores portugueses de Macau e os missionários jesuítas, sustentando tratos comerciais extremamente lucrativos, terminam subsumidos em causa da expulsão definitiva dos Portugueses do Japão. É com surpresa que os lusos recebem esta notícia e, para a tentar contrariar, enviam mais duas embaixadas sem resultados relevantes. A sua presença no Japão estava definitivamente condenada. Em rigor, o refluxo e encerramento da movimentação portuguesa no Japão

remete para uma constelação mais complexa de cruzamentos históricos. Esta rede de causalidades inclui mesmo disfunções e polémicas no próprio interior da missão católica, dividindo-se em querelas entre as diferentes ordens religiosas católicas que, mais ou menos abertamente, foram esgrimindo tanto diferentes estratégias de evangelização quanto representando diversos agrupamentos políticos e económicos com interesses depositados no trato do Japão. A partir do debutar do século XVII estes afrontamentos no interior do orbe cristão ampliam-se ainda mais com o desenvolvimento da circulação da Companhia holandesa das Índias Orientais, a famosa VOC, trazendo para os espaços e enclaves comerciais de agitação portuguesa a rivalidade católica-protestante. Seja qual for o peso destes afrontamentos, parece indiscutível que, em termos de processo, na longa duração, a dinâmica decisiva que definitivamente modifica a ordem das relações políticas, económicas e religiosas luso-japonesas, intermediadas através de Macau, assenta na unificação e centralização política do Japão, perseguindo a construção de um Estado concentracionário que, para pretender ser co-extensivo com o todo territorial e social, estava obrigado a vassalar também o religioso. Neste contexto incontornável, a emancipação da esfera religiosa católica em relação ao poder político japonês – contrariando o movimento inverso de subordinação do quadrante religioso ao influxo político central – condenam o cristianismo. Em contrapartida, o budismo torna-se ferramenta fundamental na edificação de um Estado centralizador que procura agora condensar em si os poderes políticos, militares e religiosos.

Quanto à Misericórdia de Nagasáqui, outrora símbolo da caridade social cristã, depois instituição da sobrevivência e resistência de um catolicismo praticamente clandestino, da sua história de instituição socialmente poderosa e religiosamente activa hoje apenas resta a escadaria de pedra que orientava as passadas dos crentes no encaço da porta principal da sua igreja confraternal, ruína de uma empresa evangelizadora católica seiscentista definitivamente dissolvida entre utopias, martírios, clandestinidades e a inevitável prefiguração do longo processo de edificação do Estado Moderno do Japão. **RC**



THE HOLY HOUSES OF MERCY IN ASIA

NOTAS

- 1 O porto de Nagasáqui, protegido por uma restinga, oferecia condições excepcionais para albergar uma armada inteira. De acordo com a própria etimologia japonesa de Nagasáqui, qual nome falante, pode aí surpreender-se o significado de “cabo longo”.
- 2 De recordar aqui que a concessão de exploração do porto de Nagasáqui constituiu uma realidade para a Companhia de Jesus na sequência da sua transferência “em perpetuidade”, em 1580, por obra do Senhor de Omura (senhor feudal – *daimio* – simpatizante da implantação local da autoridade eclesiástica em matéria de actividades económicas). Essa “perpetuidade” ver-se-ia estendida apenas até 1587, data do Decreto, emitido por ordem do xógum, Toyotomi Hideyoshi, de expulsão dos Jesuítas para Hakata, a moderna Fukuoka). Sobre a premência do exercício de transacções comerciais por parte dos missionários jesuítas, fonte de financiamento que lhes estava oficialmente vedada, cf. J. Franco, “O fim do Sonho Missionário nas ilhas do Sol Nascente. A Apologia do Japão e a Controvérsia entre Jesuítas e Mendicantes”, *Revista de Cultura*, n.º 6 (2003), p. 5). Em sentido idêntico pronuncia-se A. Russell-Wood, *A World on the Move: The Portuguese in Africa, Asia and America, 1415-1808 (Um mundo em Movimento. Os Portugueses na África, Ásia e América, 1415-1808*, Lisboa, Difel, pp. 39-40: “Os direitos concedidos aos jesuítas em Nagasáqui, que se tornou no destino mais ocidental dos portugueses na Ásia, estavam condicionados por um acordo em que ficava claro que não haveria qualquer presença militar”. Um testemunho fiel de solicitação de remessas sob a forma de angariação de fundos que estava prevista como legítima pelas instituições metropolitanas detentoras de jurisdição nessa matéria para qualquer padroado jesuíta (para o caso actual, o Papado e a Coroa espanhola), oferece-nos uma *Carta ànua* do Japão datada de 1583 (cf. *Segunda parte das cartas de Japão que escreverão os padres, & irmãos da companhia de Iesus* (ed. fac-similada da edição de Évora, 1598), Maia, Castoliva Editora, 1997, fl. 89 r., cols. 1-2): “... são tantos os gastos extraordinários que se fazem, que não há cousa que baste, especialmente em terra onde não temos renda, por isso mandamos ao padre Nuno Rodrigues pera que trate com sua Magestade, e có sua Sanctidade do seu remedio. Bẽ espero que sua Sanctidade, e sua Magestade o hão de prover, mas como cada dia crecem os gastos não há cousa pera japão que possa bastar, & por isso as esmolas que vossa senhoria lhe fizer, especialmente neste tempo que está em tãta pobreza ser mui bem empregadas”.
- 3 Luís Fróis, *Historia de Japam*, vol. II, ed. anotada por J. Wicki, S. J., Lisboa, Biblioteca Nacional, 1981, p. 150.
- 4 Luís Fróis, *op. cit.*, vol. II, p. 324.
- 5 Cf. supra, n. 1 e *ibid.*, p. 366: “Neste anno de 1572 veio Dom João de Almeida por capitão-mor da viagem de Nangasaqui, e vierão dous padres com elle, professos de votos, homens antigos na Religião; um delles era o P.e Sebastião Gonsalves e o outro o Padre Gaspar Coelho, ambos de nação portuguezes”.
- 6 *Ibidem*, pp. 376-377: “Passados 4 ou 5 annos depois da conversão de Dom Bartholomeo, mandou o P.º Cosme de Torres ao P.º Belchior de Figueiredo que fosse rezidir a hum porto chamado Fucunda para dous effectos, o primeiro para pregar e confessar os portuguezes que alli vinhão em a nao da China e o segundo para cultivar os christãos que alli havia, por terem feito no porto huma arzezoada povoação que andava seguindo a não pelos portos aonde vinha. E por este de Fucunda ser indecente e estar a nao nelle arriscada a diversos perigos, dezejou o Padre para que a nao podesse perseverar nas terras de Dom Bartholomeo e a christandade ser com ella favorecida e ajudada, buscar-lhe porto seguro. E tomando hum piloto com alguns companheiros, de proposito andou o Padre correndo aquella costa e sondando as entradas para descobrir o que melhor parecesse. E achando para isto ser apto e conveniente o porto de Nangazaqui...”
- 7 *Ibidem*, pp. 376-377: “... fazendo primeiro os concertos necessarios com Dom Bartholomeo, começou o Padre e os christãos, que andavão com suas familias às costas morando à sombra da não, a ordenar-lhe alli povoação de assento e morada certa. Entravão na companhia dos mais christãos muitos desterrados de diversas partes, huns que seos senhores lançarão fora ou elles se tinhão hido por não quererem retroceder, e outros que por cauza das guerras andavão alongados de suas pátrias.”
- 8 *Ibidem*, p. 377: “... huns destes erão de Ximabara, outros de Xiqui, Goto, Firando, Yamaguchi, Facata e de diversos reinos. *Ibidem*, p. 374: “Porem como os vassallos do tono gentios erão muito mais em número, não podia Dom Luiz continuar com a guerra, pelo que se rezolveo desterrar-se e deixar a pátria [ilhas de Goto], ajuntando para isso suas embarcações; e ajuntarão-se com elle como 300 christãos entre homens, mulheres e meninos, e se vierão direitos a Nangazaqui, aonde forão recebidos dos christãos e gazalhados da Igreja e ajudados o melhor que foi possível, e alli estiverão perto de dous annos. [...] Com este concerto se tornou Dom Luiz com ametade da gente; os outros se deixarão fica em Nangazaqui por viverem entre christãos, aonde rezidião sempre Padres e podião ouvir missa cada dia e confessar-se com frequencia.”
- 9 *Ibidem*, pp. 393-394: “Estava entre aquelle christãos hum que por outra perseguição em que se achou no Xiqui se veio desterrado para Nangazaqui com mulher e filhos [...] hum velho pequenino de corpo mas de mui grande e valerozo animo, e dous filhos seos e hum genro, os quaes erão de Xiqui e se tinhão sahido e desterrado de sua terra e pátria somente somente por não quererem deixar de ser christãos.”
- 10 *Ibidem*, p. 84 (em 1565, na *Historia de Japam* de Luís Fróis, já temos uma referência clara à edificação de Misericórdia de Hirado): “Aquelle dia à tarde [21 de Junho-festa do Corpus Christi] se elegerão os mordomos da Mizericordia, cujo officio hé vizitar os pobres e enfermos, e havendo alguma esmola de pessoas, que para este effecto a dão, a repartem pelos mais necessitados, e aos que estão em algum peccado publico trabalho tirá-los delle, ou o fazem a saber ao Padre para que o faça. Fazem confessar os enfermos, acompanhão os que estam em artigo da morte, e dão avizo à Igreja para enterrar os deffuntos, e elles os vão amortalhar. E para esta eleição se ajuntarão muitos christãos na igreja e, ouvindo pregação dos merecimentos que nos taes cargos se alcansão, fizerão todos com o Padre juntamente oração ao Espirito Santo pedindo-lhe graça para eleger os que fossem mais aptos para este officio. E dando seos votos, escolherão os mais aptos, e cada hum trabalhava por não ser inferior a seos companheiros, que erão quatro por todos.”
- Um outro caso de esmero depositado na causa da assistência ao próximo no Japão, é o do Padre Luís de Almeida, falecido precisamente no ano da fundação da confraria da Misericórdia de Nagasáqui. Médico e missionário, também ele jesuíta, foi responsável pela fundação do hospital do Bungo, que servia para recolher as crianças expostas, tal como era comum suceder no Japão contemporâneo aos presentes relatos (e tal como pode depreender-se do elogio fúnebre que lhe é endereçado nas *Cartas ànuas* dos Jesuítas, cf. *Cartas...*, fls. 89 v., col. 2-90 r., cols. 1 e 2): “Elle foi o que inuentou o hospital em Bungo, aonde se recolhiam os mininos engeitados filhos dos gentios, & curava por suas mãos todos os doentes de chagas, & de todas as infirmitades, & os remediava corporal & espiritualmente...”. Há, em todo o caso, a ressaltar aqui a distinção entre hospitais de misericórdias (como os Lázaros, destinados a leprosos), do conceito especificamente jesuíta de “Casa da provação”, vocacionado para prestar assistência médica na fase terminal da doença e morte dos sacerdotes da Companhia de Jesus, tal como se pode igualmente atestar nas *Cartas de Japam* (cf., e. g.,

AS MISERICÓRDIAS NA ÁSIA

- fl. 224 v., col 1: trata-se aqui da Casa da Provação de Usuqui, instituição citada à sociedade). Por seu turno, uma referência tardia (da fase de declínio e das perseguições movidas contra os cristãos), reportada a doentes hospitalizados em instituições de misericórdias existentes em terras nipónicas, e mais em concreto, no Hospital da Misericórdia de Nagasáqui, podemos desde logo identificá-lo em “Lettera annua del Giappone scritta da Padri della Compagnia di Gesù al M. R. P. Generali dell’istessa Compagnia gli anni 1615 e 1616”, in *Lettere annue del Giappone, China, Goa et Ethiopia scritte al M. R. P. Generale della Compagnia di Gesù da Padri dell’istessa Compagnia ne gli anni 1615, 1616, 1617, 1618, 1619*, volgarizzati dal P. Lorenzo delle Pozze della medesima Compagnia, in Napoli, per Lazaro Scoriggio, 1621, p. 38 (“De Christiani di Nangasachi”): “*E accorso talhora entrar nella Capella tanto gran numero di quei di fuora, che gli hospiti non hanno hauuto luogo di udir in casa sua Messa.*”
- 11 *Ibidem*, vol. III, 1982, pp. 128-129: “Neste anno de 1579 veio da China a Japão a nao de Leonel de Britto e em sua companhia o Padre Alexandre Valignano, de nação napolitano, por vizitador destas partes, pessoa mui qualificada em letras e virtudes e hum dos mais raros sujeitos que até agora dos da Companhia passarão à Azia. Trazia por seo companheiro ao P.^e Lourenço Mexia, homem douto e virtuoso e antigo na Companhia, e o irmão Oliverio, italiano, por seo coadjutor. No mesmo anno forão cá recebidos os Irmãos Geronimo Vaz e João Bernardes, portugueses.”
- 12 Luís Fróis, *op. cit.*, vol. III, 1982, pp. 128-129.
- 13 *Ibidem*, p. 130.
- 14 *Ibidem*, pp. 131-132.
- 15 *Ibidem*, p. 284: “Chegando o P.^e Vizitador a Nangazachí chamou todos os Padres que estavam pelas rezidencias, tratando de novo as couzas que já tinha consultadas com os Padres de Bungo e do Miaco. E nesta derradeira consulta deo remate e poz termo ao que deixava ordenado em Japão, e se concluirão muitas couzas de grande serviço de Nosso Senhor. Também determinou alguns cazos que em Japão tinhão postos aos Padres, em grande perplexidade por serem difficultozos e novos e, conforme a rezolução que sobre elles deo (athé virem determinados e rezolutos de Roma por Sua Santidade), ordenou que corressemos todos para que não houvesse no governo desta christandade em couzas tão importantes diversidade nos pareceres.”
- 16 *Ibidem*, pp. 177-178: “Deixou mais o P.^e Vizitador ordenado o modo que havíamos de ter acerca dos costumes e cerimoniais, e maneira de proceder da terra, couza muito dezejada dos mesmos japões, para se guardar em nossas cazas e nos podermos melhor conformar com elles; e que não hé de pouca importância para sermos bemquistos e tidos em boa opinião entre elles, porque, como os costumes e cerimoniais desta terra são tão diferentes e contrários dos que se uzão em Europa, e athé agora não tínhamos huma certa ordem que houvéssemos de guardar acerca delles, alem de isto cauzar entre nós huma certa confuzão, não sabendo como nos havíamos de haver nos costumes e modo de tratar com elles, se seguíão outros inconvenientes mayores ficando muitas vezes os japões offendidos, e cauzando-se huma certa divizão de ânimos e perda de muito fructo pela contrariedade que havia dos nossos e dos seus costumes. Pelo qual se ordenou que em todo se procedesse em nossas cazas conforme ao modo próprio e acostumado de Japão, fazendo-se para este effeito huns avizos nos quaes podessem todos aprender os costumes e forma de proceder. E com isto e com os regimentos que deixou para se guardarem nas cazas e rezidencias para sermos todos uniformes, se entende que com a observação delles pode crescer muito entre os nossos a união dos ânimos e o fructo e reputação de nossa santa ley entre os jappoens.”
- 17 *Ibidem*, p. 130: “... alem de se perfeioar a Arte que se tinha feita, se ordenou e se fez hum copiozo Vocabulario e alguns diálogos faciles e familiares na lingua de Japão com os quaes se forão os Irmãos grandemente ajudando...”
- 18 *Ibidem*, p. 173: “Também fez o P.^e Vizitador com alguns japões entendidos nas seitas hum diffuso cathecismo, bem ordenado, assim para por elle se poder pregar aos novos conversos, como para os Irmãos ficarem melhor instruídos e mais alumizados nas couzas de nossa fé quando catequizassem os gentios.” Cf. P. Kornicki, *The book in Japan*, Netherlends, Koninklijke Brill NV, 1998, p. 126: “*These included part of the Heike monogatari in an adapted and romanized version.*”
- 19 P. Kornicki, *op. cit.*, p. 126: “*For the students, for example, there were texts in Latin, such as some of Cicero’s speeches and some Virgil as well as some devotional Works.*”
- 20 Luís Fróis, *op. cit.*, vol. III, 1982, pp. 324-325: “... o irmão Vicente japão, o mais insigne na língua e corrente nos costumes de Japão de todos os outros, para ensinar os mossos do seminário no modo de pregar, e lhes ensinar as falácias das seitas de Japão para com maior facilidade poderem nas pregações confutar seos erros, couza de que tinhão muita necessidade e que muito os ajudou e lhes deo grande lume e audácia para depois se hirem fazendo bons pregadores como sahirião.”
- 21 Takase Kôichirô, “Acerca da ‘Acomodação’ na Missionação Cristã no Japão”, trad. Hiroshi Hino, *Journal of the Faculty of Distribution and Logistics Systems*, Universidade Ryûtsû Keizai, Ibaraki, vol. 34, n.º 1 (1999), pp. 114-115: “Falando da ‘aculturação’ missionológica no Japão, lembramo-nos imediatamente da obra do padre Alessandro Valignano intitulada *Advertimentos e Avisos acerca dos Costumes e Catangues de Jappão*. O que é mais importante para Valignano nesta obra é a importância de os jesuítas manterem o prestígio secular e a autoridade religiosa. Isso não teria sido possível sem reconhecer a consciência hierárquica arraigada na sociedade japonesa de então. Parecia, por isso, conveniente ao padre Valignano ‘porem-se’ vários graus sacerdotais, ‘na mesma altura em que os bomzos da seyta dos *genxus* que entre todas he tida em Japão por principal e que tem mais communicação com toda a sorte de gemte de Japão’. Assim, os jesuítas no Japão passaram a estar divididos em algumas hierarquias, a saber; o ‘Superior de Japão’, que ‘terá a altura do principal Não-jenjino ycho’; os ‘Superiores Universais’, que ‘terão a altura dos simco Choros de Gosan’, os ‘Padres todos [comuns?]’, que ‘estarão na altura que tem comumente os Choros’; os ‘Irmãos antigos’, que ‘estarão na altura dos Xusas, que são bomzos formados que esperão de ser Choros’; os ‘Irmãos novicios’, que ‘estão no amdar dos Zosus, que são os que esperão de ser bomzos formados’; e finalmente os ‘Dogicos’, assistentes catequistas não pertencentes à Companhia de Jesus, que ‘terão o lugar que tem nas ditas varelas os Jixas’.
- 22 Luís Fróis, *op. cit.*, vol. II, 1981, p. 366. Pode verificar-se no seguinte trecho essa contaminação conceptual: “O P.^e Gaspar Coelho, por sua prudencia e virtude, foi logo encarregado pelo P.^e Francisco Cabral a ser superior das partes de Ximo, e depois foi em ordem o 3.^o superior universal de Japão e primeiro vice-provincial que houve nestas partes.”
- 23 Luís Fróis, *Europa, Japão, um diálogo civilizacional no séc. XVI. Tratado em que se contém muito sucinta e abreviadamente algumas diferenças de costumes entre a gente de Europa e esta provincia de Japão*, apresentação de J. M. Garcia, fixação de texto e notas por R. d’Intino, Lisboa, Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimientos Portugueses (col. “Oceanos”), 1993, p. 73.
- 24 A. Valignano, *Sumario de las cosas de Japon*, cap. XXX, p. 343 (*apud* Irmã Ignatia (Rumiko Kataoka), “Fundação e Organização da Confraria da Misericórdia de Nagasáqui”, *Oceanos* n.º 35 (1998), “Misericórdias – Cinco Séculos”, p. 114.
- 25 Luís Fróis, *Historia de Japam*, vol. IV, 1983, p. 6: “E porque em Nangazaqui são todos christãos, os filhos se vão multiplicando com estranha differença dos outros lugares dos gentios, porque os não matão; e muitos destes vem a ser dogicos dos Padres que andão na conversão, outros entrão nos seminários e os que Deus N. Senhor

THE HOLY HOUSES OF MERCY IN ASIA

- tem recolhidos são depois admitidos na Companhia. E como são criados fora da disciplina venenosa dos bonzos, pela boa disposição que tem e partes naturaes, se vão fazendo aptos instrumentos para ajudarem aos padres nos ministérios da pregação evangelica.”
- 26 *Ibidem*, p. 6.
- 27 *Ibidem*, p. 112.
- 28 *Ibidem*, pp. 122-123.
- 29 *Ibidem*, p. 6.
- 30 Literalmente, “misericórdia”, “piedade” (cf. Irmã Ignatia (Rumiko Kataoka), *op. cit.*, p. 118).
- 31 Luís Fróis, *Historia de Japam*, vol. IV, 1983, p. 6.
- 32 A Misericórdia de Macau seguia desde a sua fundação o *Compromisso* da Misericórdia de Lisboa e, a partir de 1595, o *Compromisso* da Misericórdia de Goa. Organiza apenas *Compromisso* próprio com adaptações à sociedade local em 1627. Por isso, as Misericórdias do Japão, incluindo Nagasáqui, devem ter recebido da irmandade de Macau, primeiramente, o *Compromisso* lisboeta e, depois, o texto regulamentar da Santa Casa de Goa. Ver Leonor Diaz de Seabra (ed.), *O Compromisso da Misericórdia de Macau de 1627*, Macau: Universidade de Macau, 2003.
- 33 *Ibidem*, loc cit.
- 34 Archivum Romanum Societatis Iesu, Jap. Sin. 11-I, ff. 80 r; 80 v. (apud Takase Kôichirô, “A Carta do Vice-Rei da Índia D. Duarte de Menezes a Toyotomi Hieyoshi: Perspectiva Japonesa”, trad. Hiroshi Hino. Não publicado): “... era pedir a Su Magestad una guarnición de hasta trezientos o quatroçientos soldados españoles que hiziesen una fortaleza en Jappón, pareciendo al Padre Vice Provincial y algunos otros que con esto se aseguraria la christiandad de Jappón. Y para que esto se hiziesse más deprissa, embiavan a pedir este socorro al Governador de las Phelepinas, el qual Remedio no solo me parece que es inconveniente tratarse e procurarse por nos otros, y que tiene muchas dificultades y también impossibilidades de salir como el Padre Vice Provincial imagina, mas totalmente se me offrece por muy peligroso y dañoso para lo que pretendemos para la conversión de Jappō y esto lo tengo por tan cierto.
- 35 Luís Fróis, *Historia de Japam*, vol. V, 1984, p. 220: “A caza da Misericórdia está posta em huma mui larga, comprida e fermoza rua, que para este effeito estava limpa e bem consertada...”
- 36 *Ibidem*, pp. 220-223.
- 37 Nem tão-pouco o era ao nível da jurisdição político-administrativa, partilhando característica similar com a Misericórdia de Manila (cf. Isabel dos Guimarães Sá, “As misericórdias no Império Português [1500-1800]”, in *500 anos das Misericórdias Portuguesas. Solidariedade de Geração em Geração*, Lisboa, Comissão para as Comemorações dos 500 Anos da Misericórdias – Mosteiro de Santa Mónica, 2000, p. 103). Todavia, de entre todas as Misericórdias sediadas no Japão, as únicas a regerem-se pelos estatutos consignados no *Compromisso* da instituição mãe de Lisboa, via Misericórdia de Macau, foram as de Nagasáqui e Funai (cf. *ibidem*, p. 106); para mais informações sobre o assunto, Leonor Diaz de Seabra (ed.), *O Compromisso da Misericórdia de Macau de 1627*, passim.
- 38 Corresponde ao título honorífico de Toyotomi Hideyoshi.
- 39 Takase Kôichirô, *op. cit.*, p. 18.
- 40 Luís Fróis, *op. cit.*, p. 377: [3º Parágrafo] “E os Padres vierão estes annos atraz a estes reynos a ensinar outra ley para salvar os homens, mas, porquanto nós outros estamos assentados nestas leys dos camis, não temos para que desejar de novo outras leys: porque mudando a gente varias opiniões e leys, hé couza perjudicial para o reyno, e por esta cauza tenho mandado que os Padres se vão de Japão, e prohibido que se não promulgasse esta ley, e que nenhuma pessoa venha daqui adiante a pregar leys novas a esta terra. Com tudo isto desejo que tenhamos communicação, a qual de lá querendo, está este reino franco e limpo de ladrões por mar e por terra; e aos que vierem com suas mercadorias, dou licença que possam vir e vender tudo livremente sem ninguem os impedir, e V. Senhoria assim o haja por bem e faça disto entendimento. Recebi as couzas que me mandou de presente dessas partes do Sul, todas assim como na sua me dizia, com as quaes folguei; e mando outras destes reynos com hum rol em outro papel apartado, com as peças e nomes de quem as fez. E no mais me remeto ao embaixador que o diga, e por isso não sou mais largo. Escrita aos 20 anos da hera Tenxô, aos 25 dias da setima lua. E no fim está a chapa de seo selo.”
- 41 Jap. Sin. 11-II, fl. 283 (apud Takase Kôichirô, *op. cit.*, p. 27): [*Quambacudono*] “fue de tal manera movido por Dios por medio de un señor gentil (governador del Miaco y su privado mui grande que tomó a favorecer nuestras cosas) que no solo mudô una Carta que tenia ya escrita y sellada pera el Virrey, en que dezia que desterrara los Padres del Japón, por que predicavan en el una ley mala y del Diablo, y destruyan los Camis y Fotoquees y que sin duda si algunos viniessen aquí los mataria. Escriviendole otra Carta mui bien enseñada y cortés, más aun ordenó que quedassen en la Iglesia y casa de Nangaçaqi, diez de los Padres mis compañeros para que fuessen como medianeros del comercio que desseava de tener con el Vi Rey, con tal que no tratassen más de hazer converción ny predicassen a los Japones nuestra ley.”
- 42 L. Fróis, *op. cit.*, p. 320.
- 43 *Ibidem*, p. 112.
- 44 P. Nosco, in *Bulletin of Portuguese/Japanese Studies*, Lisboa, CHAM, vol. 7 (2003), p. 10.
- 45 P. Nosco *op. cit.*, p. 11.
- 46 Cf. Padre F. Guerreiro, *Relação anual das coisas que fizeram os padres da companhia de Jesus nas suas missões do japão, china, cataio, tidore, ternate, ambóino, malaca, Pegu, Bengala, Bisnagá, Maduré, Costa da Pescaria, Manar, Ceilão, Travancor, Malabar, Sodomala, Goa, Salcete, Labor, Dio, Etiopia a alta ou Preste-João, Monomotapa, Angola, Guiné, Serra Leoa, Cabo-Verde e Brasil, nos anos de 1600 a 1609 e do Processo da Conversão e Crisandade daquelas partes: tirada das cartas que os missionários de lá escreveram*, ed. dirigida e prefaciada por A. Viegas, Lisboa, Imprensa Nacional, 1942, Tomo III, 1607-1609, pp. 146-147.
- 47 São expulsos 148 eclesiásticos do Japão na concretização do Decreto de expulsão de 1612.
- 48 Em relação ao Cristianismo japonês na clandestinidade, cf. D. Filus, “Secrecy and kakure kirishitan”, in *Bulletin of Portuguese/Japanese Studies*, Lisboa, CHAM, vol. 7 (2003), pp. 93-113.
- 49 G. de Matos, “Nagasaki 25-X-1614”, Jap. Sin. fls. 147-166 v. (apud. Irmã Ignatia (Rumiko Kataoka), *op. cit.*, p. 119).
- 50 *Carta do bispo D. Luís Cerqueira a El-rei, datada de Nagasáqui em 5 de Março de 1612*, figurando no seu verso a seguinte indicação de missiva: “a Elrey Nosso Sor 1ª Via polla India – Do Bispo de Jappão” (apud V. Ribeiro, *Bispos portugueses e Jesuítas no Japão. Cartas de Luiz Cerqueira*, Lisboa, Academia das Ciências de Lisboa, 1936, p. 49): “Da mesma maneira este presente ano se farão com o mesmo fauour diuino outras tres igrejas por terẽ já o nec.º p.ª isso, não inferiores a que acima disse, antes duas dellas maiores E milhores huã de S. Joã Baptista outra de S. Ant.º e outra de N. Srã que aqui chamam de S. M.ª de Nagasáqui, por as que de presente há serẽ pequenas p.ª a m.ª gente que concorre a estas igrejas, especialmen.º a de s. M.ª a qual desde tempo antigo este povo E os xpaõs que doutros reynos de Jappão uem a Nagasáqui, tem particular deuoção. E a mesma tem os estrangeiros que aqui uem comercear, principalmente os Portugueses, que saõ os que deram principio a esta igreja a qual antigamen.º nã era mais que uma pequenas hermidã, E postoq.º agora seia huã arzezoada igreja todauia não sofre a deuoção da gente, especialmen.º dos confrades de certa confraria de S. M.ª qu há na dita igreja, q.º seia tão pequena. E assi determinaõ de lhe fazer huã muy capaz p.ª o que tem dado cõ liberalidade, muy boas esmolãs, E cõ as que de ordin.º a gente da aquella s.ª casa se sustenta honradamen.º aquelle parochio, E os que ajudaõ no seruiço daquella Igreja.”

AS MISERICÓRDIAS NA ÁSIA

- 51 Tradução gentilmente cedida por Hino Hirochi (apud Fr. Diego Collado, *Niffon no cotobani yô confession, Vo mosu yodai to mata Confesor yori goxensacu me-saruru tame no canionaru giô giô no coto danguxia no monpa no Fr. Diego Collado to yu xucqe Roma ni voite core vo xitate mono nari*, Romæ, Typis & impensis Sacr. Congreg. de Propag. Fide, 1632, p. 163).
- 52 Cf. Guerreiro, *op. cit.*, p. 155.
- 53 Medalha europeia com a imagem de Jesus Cristo, embutida em madeira. Servia para identificar cristãos que se recusassem a pisar este objecto, acto que, simbolicamente representava a renúncia à fé católica.
- 54 Sistema de registos das populações nos templos budistas locais.
- 55 Certificado budista de conversão.
- 56 Espiões residentes.
- 57 Centros de vigilância organizados pelas comunidades.
- 58 Observação mútua.
- 59 Tradução gentilmente cedida por Hino Hirochi (apud Fr. D. Collado, *op. cit.*, pp. 191-193).
- 60 *Ibidem*, p. 210: “Como encubro o ter-me feito cristã a estes entre os quais vivo, não posso com a liberdade que o meu coração deseja, entregar-me toda às coisas da salvação; e assim, já alta noite, faço oração, e o mesmo faço também de madrugada, benzendo-me e rezando, antes que os da casa me vejam.”
- 61 Cf. P. Nosco, *op. cit.*, p. 13.
- 62 Por estas missivas ficamos igualmente cientes, a partir de fonte primária, de como todas as casas da Misericórdia dependiam directamente do poder secular do rei (que tinha interesse na sua implementação nos territórios ultramarinos), contra a contrapartida do seu financiamento directo (cf. L. Abreu, “O papel das Misericórdias dos ‘lugares de além-mar’ na formação do império português”, in *História, Ciências, Saúde—Manguinhos*, vol. VIII, n.º 3 (Set.-Dez. 2001), p. 598).
- 63 Cf. *Livro da Corr. Do desembargo do paço*, fls. 57-58 = *Coll. Leg.*, 1616, p. 1914 (apud V. Ribeiro, *op. cit.*, pp. 66-7).
- 64 Cf. “Lettera annua del Giappone scritta da Padri della Compagnia di Giesú al M. R. P. Generali dell’istessa Compagnia gli anni 1615 e 1616”, in *Lettere annue del Giappone...*, p. 39 (“De Christiani di Nangasaqui”): “*Stia ancora in piedi la chiesa della Misericordia in mezzo alla Città, & alcune Chiesuole ne borghi già nostre, che pure sono bollate, e con guardia; ma quella della Misericordia há hauuto più forte...*”
- 65 *Ibidem*, pp. 36-7: “*...& è mirabile la pietà che Dio N. S. há instillato ne gli animi di questi cittadini in hauer cõppassione de rifuggiti quà per la fede: onde è che non pure allargando la mano alle limosne priuate, ma si fá borsa comune per aiuto de Christiani come di tanti suiscerati fratelli. Porta il vanto in queste opere la Compagnie della Misericordia, però che in queste si grande stretezze di tempi, di danari di ricolti, e nella scarsezza di guadagni, ...*”
- 66 *Ibidem*, p. 39: “*... però che è stata conceduta lka casa attaccataui a 4 principali Magistrati della Città da Safyoge a petitione di uno di essi suo amicissimo detto il Proveditore: la Chiesa non di meno stà serrata senza offitiatura.*”
- 67 *Ibidem*, pp. 36; 40: “*Questa città è sempre stata la franchigia de Christiani trauagliati, banditi, cõfiscati nelle persecuzioni da Taicò in quà, & essi sono la maggior parte degli habitatori, essendo l’altra di mercanti, che comme a una fiera la principale di tutte queste Isole quà si riducono [...]Sentono il danno che lor viene i gentili dalla nostra cacciata, e bramano la nostra restitutione per bene ancora di questa piazza mercantile, la quale in nostro bando in quà manca di 20 mila anime, che traficauano qui per lo piú Christiani di tutto il Giappone, a quali essendo conuenuto per l’esilio scasare, è la Città rimasta smunda di robba, di danari, e di gente; di che si è venuto in cognitione evidente per lo catastro fatto di Daifunel cercare Acascicamòn dopò la rotta d’Ozaca, per ogni casa di questa Città.*”
- 68 Cf. “Lettera annua del Giappone al medesimo Padre generale”, nel 1618, in *ibid.*, pp. 306-7): “*... dimenticato del patto repetè il Padre gliel negò il secondo fatto forte dal patto, contrappose quel primo al patto il gran desiderio di morire per Christo ilche, diceva egli, se bene io non merito per li miei peccati; si spero nulladimeno che Dio guardando a i meriti, e oratione del Padre mi concederà questa gratia.*”
- 69 Cf. Irmã Ignatia (Rumiko Kataoka), *op. cit.*, p. 119.
- 70 Em 1637, aquando da descarga e transporte de mercadorias, as autoridades nipónicas capturam o frade agostinho japonês, Frei Tomás de Santo Agostinho, chamado de Jihioye e alcunhado de Kim-tsuba (guarda da espada de ouro). Na tortura de 24-27 de Setembro confessa ter enviado para Macau uma determinada quantia de prata, tendo dado o nome dos quatro portugueses que a tinham recebido. O único que se encontrava por esse tempo no Japão era Duarte Correia, que comandava uma das galeotas. Perante as exigências das autoridades japonesas ele teve de ser entregue para julgamento (cf. J. M. Garcia, “O fim da presença portuguesa no Japão do século XVII”, *O Século Cristão do Japão*, Actas do Colóquio Internacional Comemorativo dos 450 anos de Amizade Portugal-Japão (1543-1943), (Lisboa, 2 a 5 de Novembro de 1993), ed. dirigida por R. Carneiro e A. Teodoro de Matos, Lisboa, Centro de Estudos dos Povos e Culturas de Expressão Portuguesa da Universidade de Católica Portuguesa – Instituto de História de Além-Mar da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, 1994, p. 541).
- 71 Cf. D. Correia, *Relaçam do Alevantamento de Ximabàra, & de seu notauel cerco varias mortes de nosso Portuguezes pola Fè [...]* Escripta por Duarte Correa familiar do S. Officio, natural de Alenquer, estando preso por confissão da Fe, pela qual deu a vida em fogo lento, Em Lisboa, Com licença. por Manoel da Sylva, anno de 1643.

